

## CURSEI PEDAGOGIA PORQUE NÃO TIVE OPÇÃO

Taylla Cristina de Paula Silva<sup>1</sup>

Querido Paulo Freire,

A quanto tempo não nos víamos. A última vez que soube de você foi quando eu estava na graduação, por intermédio de outro colega professor. Sinto vergonha de não atender os seus chamados. Ao longo da minha carreira docente você me chamou para conversar muitas vezes, por meio de eventos, palestras, aulas e vivências. Mas, não me aprofundi nas conversas contigo. Sem saber que o que eu mais precisava era te conhecer pelas suas próprias palavras e não por vozes de colegas. Mas, na disciplina *EDU 699 - Paulo Freire e as razões oprimidas* venho te conhecendo melhor e te admirando.

Gostaria de ter conhecido você pessoalmente na minha infância, para te contar minhas experiências como mulher negra que sonhava com o mundo. Os encontros na infância teriam me proporcionado habilidade para lutar sem gastar tanta energia. Entretanto, sei que ao ler seus livros irei me beneficiar pessoal e profissionalmente.

Assim, quando tive a oportunidade de dialogar com você, optei por responder sua carta. “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”<sup>2</sup> porque logo pelo título identifiquei-me com a imagem que caracteriza o sentimento de desânimo pertencente a algumas pessoas que se inserem nos cursos de formação de professores com relação aos desafios da profissão.

O interessante, querido Paulo, é que quando criança queria ser professora de Educação Básica, por admirar algumas das minhas e naquela época serem admiradas. Na minha mente infantil, eu imaginava que seria uma professora participativa de movimentos sociais, pesquisadora, iria a congressos, motivaria os estudantes. Contudo, quando percebi como eram as condições de trabalho das professoras de Educação Básica, não quis me envolver nessa profissão. Na época, não sabia a distinção na valorização entre docentes universitários e de Educação Básica. Nesse sentido, mudei meu foco para outras profissões e me preparei para alcançar esses cargos que possuem valorização social e econômica, tais como o curso de Direito e Medicina.

Nesse processo, querido amigo, vivenciei situações que me desestabilizaram e sentia que, a todo momento, algumas pessoas realizavam ações para fazer com que eu descreditasse do meu potencial intelectual, inclusive profissionais da educação. Essas ações consistiram em micro ações veladas ou diretas, e perpassou/perpassa a universidade. Os opressores agem de formas manipulativas que nos fazem querer agradá-los, nos transformando em dependentes emocionais deles e, mesmo sabendo que temos um grande potencial, nos minam com suas atitudes. Que campo de guerra! Me podaram tanto, que no final eu acreditava não ser merecedora e incapaz de realizar meus sonhos, mesmo sabendo

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: taylladepaula@hotmail.com

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. Terceira Carta: “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d’ Água, 1997.p. 32-36.

que se eu fazia eu conseguia desempenhar os propósitos com glória, longe dos olhos dos opressores.

Nesse contexto, no ano do vestibular eu passei por situações que não permitiram que eu desenvolvesse todo o meu potencial para estudar. Então, me inscrevi no vestibular do curso de Pedagogia, por saber que era um curso que conseguiria passar com dois meses de estudos. Na época, não era permitido pensar que se poderia viver bem sem uma universidade ou pensar que se pode ingressar na graduação depois dos 18 anos (tida por muitos como a idade ideal). Ouso a dizer que alguns jovens permanecem vivendo essa pressão.

No primeiro ano do curso me dediquei a construir um bom currículo, para poder cursar uma pós-graduação *stricto sensu*. Assim, durante minha graduação na Universidade Federal de Viçosa (UFV), participei de projetos que me proporcionaram uma vivência como pesquisadora e docente. Nos primeiros anos de universidade, me integrei ao grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG), no qual participei do *Projeto Educação Permanente para Agente Comunitárias de Saúde em Viçosa-MG*.

As discussões nesse grupo possibilitaram enxergar e vivenciar as experiências com relação às discussões de gêneros surgidas no cotidiano da escola, que vão desde a sala de aula até outros ambientes da instituição, realizando ações que perpassam a discussão de gênero. Sobre essa temática, caro Paulo Freire, outro dia nossa turma estava conversando sobre quando você encontrou bell hooks e mencionaram como a partir desse encontro você passou a refletir nas suas obras sobre a posição da mulher.

Simultaneamente, participava do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), que entendia a universidade para além da sala de aula. Nesse processo, me envolvi nos movimentos estudantis, participando das discussões e dos protestos. Ah... Paulo, como me sentia viva nesses lugares, lembro-me de quando participei da manifestação com os outros colegas da universidade nas Quatro Pilastras<sup>3</sup> e outros locais reivindicando nossos direitos enquanto estudantes e cidadãos. Foram momentos de aprendizagem que influenciaram minha prática docente.

Posteriormente, ingressei no grupo do Programa de Educação Tutorial (PET Educação) e passei a investigar como se dava a trajetória escolar de estudantes de camadas populares ao ensino superior. Nesse processo, como convivia com estudantes surdos e frequentava o curso de LIBRAS, ao realizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da minha graduação, me dediquei aos estudos na temática de acesso e permanência de discentes surdos de camadas populares ao ensino superior. Essa oportunidade de estudo me permitiu ir para sala de aula com uma visão pedagógica para os estudantes de inclusão, bem como desenvolver planos de aulas mais cuidadosos e realizar cursos sobre educação especial, quando já formada. Momento que senti necessidade de fazer uma graduação nessa área para aprofundar meus conhecimentos científicos e aplicá-los na minha prática docente.

No processo de formação docente inicial, vivenciei outros momentos que contribuíram para tal formação, como o intercâmbio internacional estudantil que realizei. Ah, amado Paulo, foi uma experiência única em que tive contato com um texto seu em uma apresentação de seminário. Ao retornar para o Brasil, aprofundei meus estudos sobre o processo de formação de professores.

---

<sup>3</sup> As pilastras denominadas 4 pilastras são símbolos da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Paulo, dentre todos os projetos na graduação que participei, tendo em vista que todos contribuíram significativamente para minha prática pedagógica, o mais tocante de todos os citados anteriormente foi o que envolveu a temática de gênero e raça, vinculadas às questões históricas e sociais. Esses projetos, destinados à discussão da trajetória acadêmica de grupos sub-representados no ensino superior, interferiram na minha visão e prática profissional. Nesses grupos de pesquisa, percebi que em lugares privilegiados, nós negros vivemos uma “solidão”, ou seja, são poucos que ocupam esses espaços.

Além disso, todos esses caminhos de formação me possibilitaram enxergar a importância de lutar pela educação em movimentos de greve; ser ativa nas reuniões do sindicato, nas conversas na hora do cafezinho na sala dos professores; realizar leituras constantes para buscar informações; abordar sobre a situação da educação, raça e gênero nas minhas aulas com as crianças; entre outras ações que permitem que eu possa refletir de forma crítica as situações vivenciadas que envolvem o trabalho docente.

Dessa forma, compreendo que a construção do eu profissional docente pode sofrer interferência do ambiente escolar, das políticas educacionais, das experiências vivenciadas e da mobilização pessoal (MARCELO, 2009)<sup>4</sup>. Essa mobilização integra as crenças, valores, o tempo para estudos e compartilhamento de ideias com seus colegas de trabalho para desenvolverem atividades que permitam refletirem o contexto vigente do trabalho docente (MARCELO, 2009).

Ah, querido amigo, tento manter minha mente atenta às interferências políticas e sociais no âmbito educacional, sendo crítica e lutando pelos meus direitos e da comunidade escolar. E em ações diárias tento conversar com algumas companheiras, com os estudantes e com suas famílias sobre a importância de participar desse movimento, principalmente de abrir espaço para dialogarmos com as famílias sobre o projeto da elite brasileira de destruir pouco a pouco a educação pública.

Porém, quando iniciei minha carreira docente, não me enxergava como professora da educação básica. Vivenciava um confronto entre o ideal e o real da profissão e do ambiente escolar. No primeiro ano que assumi uma turma foi na Educação Infantil, espaço em que as professoras nessa instituição são chamadas de “tias”. Claro, que me lembrei de você, querido Paulo! E você como sempre foi citado em uma conversa sobre esse assunto com uma outra professora.

Eu lembro que a professora com quem eu conversava dizia que não aceitava que os discentes a chamasse de “tia”, ensinava-os a chamar de professora. Em resposta a essa professora, mencionei que o que me preocupava era porquê dessa cultura ser reproduzida no ambiente escolar e associei à condição do trabalho docente no Brasil – carga de trabalho excessiva, salários baixos, falta de investimento em infraestrutura, recursos didáticos centrado no livro didático, casos de agressão aos professores aumentando, entre outras condições objetivas e subjetivas –, caracterizada pela desprofissionalização da carreira.

No ano seguinte, fui efetivada no meu primeiro cargo como professora dos anos iniciais e assumi uma turma em minha cidade natal. Retornar àquele município, trabalhar na instituição escolar que reproduzia aquelas mesmas microagressões preconceituosas e

---

<sup>4</sup> MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. Sísifo, **Revista de Ciências da Educação**, n. 8, p.7-22, jan./abr. 2009.

desencorajadoras com os grupos sub-representados me deu ânsia de vômito e, na oportunidade que tive, solicitei transferência para outra cidade.

Além disso, a todo momento me faziam sentir como se estivesse “roubando” o lugar de alguém ao ocupar o cargo, após ter passado por um concurso público legítimo. Aquele ambiente representava a competição entre professoras oprimidas contra sua própria classe. Não percebiam que, ao prejudicarem umas às outras, estavam prejudicando a si próprias. Tenho a impressão que essas atitudes são as que reforçam a situação de opressão do trabalho docente naquela cidade. Nesse local, aqueles docentes que participavam de movimentos grevistas eram tidos como criminosos e preguiçosos.

Querido Paulo, espero que um dia a maior parte da classe de professores possa ouvir seus pensamentos e reconhecermos nossa importância social como profissionais da educação. Logo, nos unimos em uma luta política por nossos direitos.

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito. (FREIRE, 1997, p. 32)<sup>5</sup>.

Assim, nessa montanha russa, tentava fazer meu papel e educar por meio de ações que exaltavam a beleza e a inteligência das crianças sub-representadas, sendo a única professora negra e que andava de *bike*<sup>6</sup>.

Nesse percurso, assumi meu segundo cargo como professora de Educação Básica, em uma turma de creche em que a faixa etária das crianças era de seis meses a um ano e meio. Essa fase foi maravilhosa. Apesar do caos nas relações entre os funcionários da instituição escolar, me sentia realizada na sala de aula com meus estudantes. A vontade deles de experimentar e explorar o mundo circundante, características próprias da idade, e o desafio em planejar aulas para uma faixa de ensino não valorizada como profissão ou vista somente como uma atividade de cuidado, me animava e me dava ainda mais estímulos para superá-lo. Além disso, pelo fato das crianças serem de um bairro em que a maioria dos moradores eram negros de camada popular e sujeito a problemas envolvendo o tráfico de drogas, eu procurava fomentar a valorização da cultura do bairro, da inteligência, da beleza e outras características das crianças negras, para que elas não tivessem a sensação de serem esmagadas pelo sistema.

Neste momento, caro Paulo, me recorro de sua colega bell hooks no livro “*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*”<sup>7</sup> quando menciona como era a prática pedagógica de professoras das comunidades negras em que cresceu. Nessa obra, ela descreve que o trabalho dessas docentes continha cunho político, sendo uma luta antirracista. Pois, o compromisso das professoras

---

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo. Terceira Carta: “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d’ Água, 1997.p.32-36.

<sup>6</sup> As professoras nessa cidade vão para o trabalho de carro e as bicicletas são destinadas às pessoas que trabalham nas fábricas (não nos escritórios das fábricas). O andar de bicicleta ali era um divisor de margens para aquelas pessoas e para mim a possibilidade de transitar entre os “2 mundos”.

<sup>7</sup> hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

[...] era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista (hooks, 2013, p. 10).

Leituras como essas deram maiores engajamentos na minha forma de agir na/para a sala de aula no ano de 2022, permitindo aprofundar temáticas como essas que favorecem no meu trabalho.

Assim, na minha trajetória profissional como professora, observei a necessidade de estarmos em atualização permanente de nossa profissão e prática docente. Nessa perspectiva, no ano de 2020 vivemos um processo de pandemia mundial causada pelo vírus SARS-CoV-2. Nessa conjuntura, o Brasil implementou uma política pública emergencial que consistiu em realizar o ensino remoto, por meio de plataformas virtuais e entre outros recursos adaptados pelos sistemas de ensino. Dessa maneira, querido Paulo Freire, relembro-me de suas ideias sobre tecnologias em que ressalta que a mesma “[...] muda nossas vidas e propõe novos hábitos, novas soluções.” (FREIRE, 2014, p. 72)<sup>8</sup>,

Nesse contexto, nós professores nos vimos com sentimento de dúvidas, ansiosos por vivenciar esse momento. Assim, iniciei minha jornada no mestrado em educação, escrevendo um projeto de pesquisa que tem como finalidade discutir como se daria a mediação pedagógica nas aulas de matemática por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Concernente à área de educação matemática, o uso de tecnologias digitais se acentuou a partir da pandemia (SANTOS *et al.*, 2021)<sup>9</sup>. Conforme Borba *et al.* (2022, p. 26)<sup>10</sup>, “[...] o SARS-CoV-2 influenciou a presença de tecnologias digitais em Educação Matemática com a intensidade que nenhum programa desenhado por humanos (ou humanos-com-tecnologias) alcançou”.

Ademais, por meio de observações do contexto atual da instituição escolar pública municipal e conversas informais, tenho notado que os docentes se sentem desafiados a utilizar tecnologias digitais no ensino da matemática, tanto pelos desafios vivenciados com a tecnologia ou com alguns conteúdos da matemática. Ao vivenciarem o ensino remoto, muitos docentes se viram frente à necessidade de se capacitar na área de tecnologias digitais, inclusive eu. Por iniciativa própria, participei de cursos de formação que possuíam como objetivo elaborar/planejar atividades e jogos digitais que contribuíssem para as suas aulas e disciplinas.

Assim, durante o período remoto, meu processo de produção e mobilização de conhecimentos matemáticos e da prática docente foi marcado por múltiplos desafios, na tentativa de associar a matemática às tecnologias digitais e de compreender as potencialidades e limites das tecnologias digitais que eu utilizava. E, nesse momento de formação, vivenciei

---

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da solidariedade*. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 142p.

<sup>9</sup> SANTOS, Silvana Cláudia; SANTOS, Daniel Tebaldi; JAVARONI, Sueli Liberatti. A programação computacional e a Educação Matemática: aspectos da amaterialidade na reorganização do pensamento. **Boletim GEPEM**. n. 79 – jul. / dez. P 114 – 126, 2021

<sup>10</sup> BORBA, Marcelo de Carvalho; SOUTO, Daise Lago Pereira; JÚNIOR, Neil da Rocha Canedo. (Org.) **Vídeos na educação matemática**: Paulo Freire e a quinta fase das tecnologias digitais.1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

os anseios de como planejar e desenvolver as aulas de matemática durante as aulas *online*, com o intuito de torná-las efetivas e significativas para os estudantes. Acrescida a esses anseios, havia a preocupação de como tornar as aulas de matemática acessíveis às crianças carentes.

Ah... meu amigo, relembro que em suas falas defendeu que as instituições escolares trabalhassem o direito de crianças carentes serem letradas tecnologicamente, para que as tecnologias contemporâneas sejam usadas para alcançar os objetivos de lutas dos oprimidos (FREIRE, 1996)<sup>11</sup>. Essa alfabetização tecnológica perpassa o pressuposto da importância de uma formação docente que leve isso em consideração.

Nesse sentido, esse período foi marcado por um imenso compartilhamento de ideias e práticas pedagógicas com nossos pares da escola, com a finalidade de aprimorar nosso trabalho docente. Conforme Marcelo (2009), o ato dos professores de refletirem sobre suas experiências no espaço concreto da escola é uma característica para a formação docente e seu desenvolvimento profissional. No trabalho remoto, experimentei o sentimento de satisfação pela valorização do meu trabalho por setores que tendem a não reconhecer a importância do papel do professor, o que demonstra que não é qualquer um que pode lecionar. Nesse sentido, Nóvoa (2007)<sup>12</sup> discute que as tecnologias têm alterado o cotidiano das pessoas e das instituições escolares. O autor ressalta que o papel do docente nesse ambiente permanece relevante.

Segundo Fonseca (2021)<sup>13</sup>, devemos nos atentar às condições que permitem que os professores – em formação inicial ou continuada – saibam as limitações e potencialidades do uso das tecnologias na educação. Para tanto, é preciso que conheçam e estejam ambientados com os recursos tecnológicos, no intuito de integrá-los naturalmente, considerando o contexto e não os aplicar em atividades aleatórias.

Continuando essa conversa, Paulo, que aqui procuro fazer com sua carta, atualmente atuo como professora da biblioteca escolar na modalidade de ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse caminho, desenvolvi um projeto de literatura com os discentes. Ao participar de espaços formativos, ao longo da minha formação docente, resolvi elaborar um projeto literário para dialogar com os estudantes que frequentam esta modalidade de ensino sobre temas que envolvem o racismo estrutural em nossa sociedade e a violência contra a mulher, vinculado ao aprimoramento da habilidade de interpretar textos argumentativos e produção de redação, bem como estimular reflexões críticas sobre outros assuntos relevantes e que interferem na nossa sociedade.

O projeto literário surgiu da intenção de que o discente tenha condições emocionais e acadêmicas para determinar sua participação ou não em cursos de graduação “apenas”<sup>14</sup> pelo desejo de continuar sua trajetória acadêmica. E não pelo fato de acreditar que não possui

---

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

<sup>12</sup>NÓVOA, António. **O regresso dos professores**. Livro da conferência Desenvolvimento Profissional de Professores para a Qualidade e para a Equidade da Aprendizagem ao longo da Vida. Lisboa: Ministério da Educação, 2007.

<sup>13</sup>FONSECA, Karla Helena Ladeira. **Tecnologias Digitais na Educação**: possibilidades para a formação de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.

<sup>14</sup> Sabemos que há poucas políticas públicas para termos o aumento de vagas na graduação que permitam atender a todos os alunos brasileiros formados no Ensino Médio, caso todos almejem adentrar nesse nível de ensino. Mas queremos que o estudante da EJA da instituição possa ter condições de ser aprovado e acreditar nessa aprovação no Ensino Superior.

qualidades suficientes para alcançar boas notas na classificação da lista de inscritos das universidades/faculdades. Além disso, esse projeto é necessário pois verifica-se a escassez de alunos oriundos da modalidade da EJA, que deram prosseguimento nos estudos, quando comparamos com a relação dos estudantes matriculados no ensino médio regular da mesma escola.

Ao longo desse trajeto do projeto literário, convidei egressos do EJA que frequentaram a escola onde atuo e que estão estudando no ensino superior da Universidade Federal de Viçosa (UFV), uma universidade pública e de qualidade. Os ministrantes tinham o objetivo de compartilhar suas experiências para incentivar os estudantes que assim queiram seguir os mesmos passos. Nas atividades do projeto, o espaço para o diálogo era essencial e era nesse contato que conseguia conhecer a realidade dos estudantes que eram de bairros distintos da cidade de Viçosa - MG.

A partir desse conhecimento, elaborei atividades que discutiam as políticas públicas e os indagavam a refletirem sobre o contexto de vida destes estudantes. Cada encontro era um momento único de aprendizagem com esses discentes. Mas, alguns discentes me incomodavam ao reproduzir frases ou atitudes opressoras que, sem saberem, reforçam a estrutura que os fazia estar naquela posição de oprimidos. Esse incômodo me fez refletir sobre minha prática pedagógica.

Assim, achei necessário e relevante criar um espaço de escrita coletiva entre os próprios discentes, sobre os problemas de infraestrutura dos bairros que eles habitavam, com o intuito de construirmos uma carta para levarmos à câmara de vereadores da cidade. Eles se mantiveram dispersos, sem participação, como se esse movimento não fosse levar a nada. Então, passei a articular com os outros professores e pensamos em trazer um dos vereadores para a escola e eles conversarem com ele, mas foi em vão. Como passar a imagem que por meio da educação podemos modificar? Que esse movimento é importante para sairmos da situação de fatalismo e mostrarmos que estamos aqui?

Paulo, ao falar sobre esse assunto com você, lembro-me de suas falas sobre o medo da liberdade que os oprimidos possuem e que pode causar o fatalismo (FREIRE, 2022)<sup>15</sup>. Esse fatalismo normalmente está ligado a justificativas divinas ou de destino ou a algum fado. Outra característica dos oprimidos que observei nessa situação com os estudantes foi a autodesvalia que consiste em acreditarem que são incapazes para realizar algo ou não possuem conhecimento de nada. Essa característica é construída após os oprimidos ouvirem muito de seus opressores que os são assim.

Ah querido, se soubesse como mesmo depois de tantas lutas e pesquisas sobre educação ainda temos os mesmos problemas educacionais que existiam em sua época. Houve um tempo em que pensamos que haveria mudanças, pois vimos muitos negros, estudantes oriundos de camada popular, acessando ao ensino superior. Porém, os tempos sombrios, muito parecidos com os que você viveu, trouxeram retrocesso e estagnação. O atual governo realizou cortes brutais no orçamento destinado às universidades públicas. Em nível estadual, o projeto SOMAR<sup>16</sup>, do atual governo de Minas Gerais, vem desqualificando descaradamente a educação pública, manipulando as massas por meio de propagandas enganosas.

---

<sup>15</sup>FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

<sup>16</sup> Esse projeto consiste na entrega da gestão das escolas estaduais públicas a empresas particulares, disfarçadas de O.S.

Caro companheiro, como mulher negra, a partir de estudos e vivências, percebi a importância em estar ocupando espaços não atingidos facilmente pela minha raça e gênero, a fim de possibilitar que as minorias estejam mais presentes nesses âmbitos. Acredito que minha experiência como docente e pesquisadora, pertencente a um grupo minoritário, possa servir de exemplo para outros na mesma situação. Assim, espero que minha presença no mestrado possa incentivar outras colegas de trabalho a frequentarem a pós-graduação *stricto sensu*.

Nesse contexto, ingressei como colaboradora do cursinho preparatório para o mestrado intitulado "Formação acadêmica afirmativa: diversidade na pós-graduação" oferecido pelo Educagera (UFV). O cursinho possui como público alvo negros, LGBTQPIA+ e indígenas, grupos sub-representados nos espaços acadêmicos.

Nesse processo formativo, vou me tornando professora, mas sempre atenta para não reproduzir ações agressivas e opressoras que experimentei. Atualmente, ainda não me encaixo no padrão de professora construído socialmente. Por ser muito militante nos meus posicionamentos e por trabalhar assuntos na sala de aula não aceitos por alguns colegas docentes e familiares, sou criticada. Alguns, visando deslegitimar minhas falas, reagem como se fossem os únicos detentores do saber. Mas, afinal, será que todo esse processo formativo do qual participo ou participei não serviu para nada? Ou querem manter a ordem social e política que os agrada? Continuarei minha luta, na esperança de que mais profissionais da educação, familiares e estudantes possam aderir ao movimento de resistência e defesa da educação básica pública, gratuita e de qualidade. E, que possamos aprender a ler criticamente os projetos políticos associados aos que governam ou querem governar este país.

Abraços de uma mineira apaixonada pela educação!